

A relação eu/tu – A universalidade do agir

Maria Gabriela Gama

Universidade do Minho

As novas tecnologias desenvolveram condições práticas de existência tão vertiginosas que o homem nunca equacionou. Simultaneamente, anuncia-se o nascimento de uma nova sociedade onde a questão da interacção social também é afectada, uma vez que esses sistemas são eles próprios lugares de interacção do indivíduo.

Procurámos mostrar que existem razões que nos levam a relativizar o optimismo generalizado que todos hoje aparentam: hoje, vivemos num mundo em que co-existem uma prosperidade como jamais a espécie humana alcançou, ao lado da miséria e da privação mais extrema. O que significa que as possibilidades tecnológicas de aceder ao desenvolvimento são absolutamente desproporcionadas. Aldeia global? Sim, mas onde?

Tentámos, ainda que de modo resumido, responder a três questões: a sociedade da comunicação coaduna-se com a construção de uma sociedade mais humana? Mais justa?

A urgência de uma ética da responsabilidade constitui um ponto fundamentador da nossa reflexão, mostrando que esta ultrapassa a dimensão da reflexão filosófica estrita, para se colocar num âmbito mais lato. A questão ética seria talvez menos pertinente, se fôssemos habitantes solitários do planeta; mas a realidade é que vivemos homens entre os homens, uns com os outros e, neste contexto, a escolha do que nos convém e do que nos propicia uma vida colectiva mais harmoniosa torna-se uma questão mais complexa e delicada.

O vínculo e a relação com o outro é, com efeito, fundamental: cada ser humano define-se como sujeito ético enquanto se descobre como um ser que vive com os outros. A sociabilidade constitui-se assim como o terreno donde brota a consciência axiológica e a dignidade de cada um como pessoa – porque aquilo que cada um é, é-o na sua coexistência com os outros.

As novas tecnologias simbolizam a liberdade e a capacidade para dominar o espaço e o tempo. O sucesso das novas tecnologias assenta em três pressupostos: emancipação, domínio e celeridade. A acção sem intermediação dá-se no imediato. Esta imediatez, este tempo real que redefine as escalas frequentes e reconstrói os degraus da comunicação é presumivelmente um agente de sedução importante.

Jean-Marc Salmon salienta:

“ As tecnologias das grandes velocidades compactam o espaço-tempo em que vivemos. O lugar mais longínquo da terra está ao alcance de um pedaço de texto ou de um voo directo. O futuro diminui para se tornar um futuro próximo”.¹

¹ Jean-Marc Salmon, *Um Mundo a grande Velocidade*, Lisboa, Ambar, 2002, p.195.

As remotas ambições à ubiquidade e à eternidade laicizaram-se. São estas dimensões que inspiram as novas tecnologias, que explicam o seu lado atractivo, o seu lado excessivamente apetecível. Estas novas tecnologias prefiguram a emancipação, o domínio do homem. Cada qual age como quer e quando quer sem *Deus nem mestre*.

Diz-nos Paul Virilio:

“ Sim, porque o próprio da velocidade absoluta é de ser também o poder absoluto, o controlo absoluto, instantâneo, isto é, um poder quase divino. Hoje empregamos os três atributos do divino: a ubiquidade, a instantaneidade, a imediatidade; a omnividência e a onnipotência”.²

Não devemos adoptar uma óptica sebastianista, contestando todos os benefícios que as novas tecnologias nos propiciam, diabolizando a técnica e entrando num discurso anti-tecnológico. Devemos sim apelar à reflexão, o que pressupõe um olhar analítico para além da máquina. Se delegarmos nas máquinas as actividades unicamente instrumentais, ao homem compete o desempenho criativo, flexível, que o obriga a questionar para além do visível.

À medida que compreendemos a evolução das novas tecnologias, não podemos deixar de reflectir sobre a ausência de comunicação no mundo de hoje. Isto pressupõe que as novas tecnologias se revistam de uma fragilidade quando reflectimos sobre os desafios da comunicação que se jogam na relação com o outro.

O homem pode ser um cibernauta perfeito e experienciar grandes dificuldades no encontro com o outro. Esse outro/diferente do parceiro tecnológico. Na realidade, vivemos sempre homens entre os homens, uns com os outros e é essa experiência convivencial que nos coloca sempre perante o desafio do encontro com o outro.

Diz-nos Lucien Sfez: “

“ Nunca se fala tanto de comunicação como numa sociedade que não sabe já comunicar consigo mesma, cuja coesão é contestada, cujos valores se desmoronam, onde alguns símbolos muito ousados já não conseguem unificar nada. Sociedade centrífuga, sem regulador.”³

Este homem que vive este tempo de aceleração, sempre apressado, sempre ofuscado pelo brilho das novas tecnologias, sofre ele também o efeito desta aceleração

² Paul Virilio, *Cibermundo: A Política do Pior*, Lisboa, Teorema, 2000, p.18.

³ Lucien, Sfez, *Crítica da Comunicação*, Edições Piaget, Lisboa, 1994, p.23..

generalizada, ficando escravo do tempo que não tem, fazendo um caminho solitário sempre penoso se não tivermos em conta a existência do outro.

Diz-nos Moisés Martins:”

Pode dizer-se também que o fenómeno da globalização do tempo vai a par com o fenómeno da inversão do seu conceito. Assim podemos afirmar pacificamente que o estilo de vida dos verdadeiros ricos do nosso tempo não é nada que se compare com o estilo de vida dos ricos de antigamente. Sempre a correr de aeroporto em aeroporto, a uma velocidade cada vez mais vertiginosa, conectados em permanência com as bolsas de Nova Iorque, Frankfurt, Londres e Paris, os nossos grandes homens de negócios não têm tempo para nada nem para ninguém. A pressa impede-os de ver os outros; e assim, fazem um caminho solitário. Escravos do tempo que não têm, dir-se-ia que constituem a prova clamorosa de um crime de confiscação e usurpação do tempo.”⁴

Na realidade, as novas tecnologias vieram provocar a alteração progressiva das fronteiras. A redução das distâncias e a instantaneidade na transmissão da informação. O mundo transformou-se assim um mundo delimitado, de fronteiras espaço-temporais cada vez mais comprimidas. O mundo alterou-se totalmente, nas dimensões político, económico, social, e cultural. Criam-se possibilidades admiráveis com a sociedade da comunicação e da informação. Ou seja, as novas tecnologias provocaram alterações sem antecedentes na história da humanidade.

Entretanto surgem novas ameaças que vêm ofuscar o brilho da Aldeia global. Poderemos questionar qual o espaço das especificidades e das dissemelhanças entre as múltiplas culturas e os indivíduos num mundo cada vez mais padronizado, uniformizado.

Paul Virilio argumenta:

“ As novas tecnologias da informação são tecnologias do estabelecimento de redes das relações e da informação e, enquanto tais, veiculam muito evidentemente a perspectiva de uma humanidade unida, mas também de uma humanidade reduzida a uma uniformidade”.⁵

Os comportamentos padronizados, uniformizados para os quais é indispensável o progresso tecnológico, específicos das sociedades industriais avançadas, parece instalar-se, tirando cada vez mais espaço ao direito à diferença. Será que corre mos o risco da chegada do pensamento singular, da *standadização*.

⁴ Moisés Martins, ” A Sociedade da Informação e o Sentido da Mudança”, *in* Actas do Iº Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999, p.126

⁵ Paul Virilio, *op.cit.* p.. 12.

Será que a globalização poderá constituir um “assalto” uniformizador capaz de diluir a multiplicidade/diversidade de culturas? Constituirá a globalização uma ameaça, um risco real que ameaça os direitos inalienáveis dessas mesmas culturas ?

Na realidade, podemos questionar se a globalização não será unicamente um formato à escala global. O que ocorre na realidade é a imposição à escala global dos arquétipos económicos e culturais dos países desenvolvidos que devido a uma sua supremacia económica e político-militar, propagam-se por todo o mundo. Não se trata, pois, de um universalismo global, de uma genuína cultura mundial que implicaria a colaboração de uma multiplicidade/diversidade de culturas.

Na realidade, o que vivemos no mundo de hoje é muito mais a injunção de uma nova ordem mundial de um arquétipo local/global central. E, assim, para que essa nova ordem local/global se difunda, outras culturas terão que perecer ou sobreviver de um modo artificial como se de uma peça de museu ou de um fóssil se tratasse. Neste modo de pensar e agir está provavelmente uma das maiores ameaças da globalização aos direitos e à diversidade/multiplicidade de culturas.

A este propósito, achamos pertinente colocar duas questões: como, e se é exequível, num tempo/mundo que se diz globalizado, assegurar a riqueza da diversidade cultural, impedindo a tendência para uma homogeneização/uniformização. A segunda questão, consiste em saber como é que é viável instituir plataformas de diálogo entre culturas reguladas por valores assumidamente dissemelhantes.

Não nos podemos esquecer que a preservação da dissemelhança cultural só será honesta quando ultrapassar o simples proteccionismo. Na verdade, assegurar a diversidade cultural não pode equivaler ao isolamento de determinadas modos de viver limitando-os à sua inserção nas rotas turísticos.

E, apesar de todas as tentativas de protecção poderem ser de algum modo meritórios, não é menos verdade que a estima pelo direito à diversidade tem de representar mais do que um acto puramente proteccionista. Mas nós sabemos que a padronização e a uniformização de comportamentos propende a instituir -se, impondo, principalmente, os arquétipos dos países desenvolvidos.

Por outro lado, de um ponto de vista económico, o fenómeno da globalização aparenta ser o que melhor beneficia o progresso. Ou seja, não há uma verdadeira alternativa à globalização, que aparenta ser uma marcha eficaz e sem regresso.

Contudo, é claro que as virtualidades, as potencialidades do desenvolvimento económico que lhes estão aglutinadas também têm o seu contrário. Ou seja, é verdade que o progresso tecnológico despoletou um “chorrilho” de problemas que a médio/longo poderá banir tudo o que de positivo esse progresso possibilitou alcançar. Não há ganhos sem perdas.

Vamos ater-nos sobre alguns dos problemas e clivagens resultantes da globalização: a poluição da água, do ar, e dos solos, a destruição maciça das florestas e das áreas naturais, a produção e o amontoado de gases tóxicos que provocam o efeito de estufa, a deterioração dos solos agrícolas, a escassez de água potável, são alguns sinais da ditadura do arquétipo puramente economicista.

Luís Archer salienta:

“Reconhece-se hoje que a natureza tem a sua lógica própria, a qual é diferente da nossa. Basta pensar na importância vital da diversidade genérica, no modo não programado como se dá a bricolagem da vida e da evolução, e na forma como são regulados os equilíbrios ecológicos. Esta lógica deve ser respeitada e protegida dos egoísmos humanos, da ganância económica e de interesses unilaterais. O homem, em vez de senhor absoluto do ambiente, deve ser considerado seu admirador e guardião.”⁶

Importa também reflectir, sobre os profundos desequilíbrios/clivagens que o desenvolvimento tecnológico acelerado produz. Ou seja: o vigente arquétipo de desenvolvimento económico global engendra novas fracturas sociais e um acréscimo de discrepâncias. Despontaram assim, novas camadas de excluídos que permanecem longe das conquistas tecnológicas, distantes do progresso dos países industrializados.

Victoria Camps, no seu livro *Paradoxos do Individualismo*, afirma:

“(…) Aquele que não reconhece o outro, nem se preocupa que existam outros seres com os mesmos direitos que ele reclama, aquele que luta pelos seus interesses sem reparar que estes podem ser incompatíveis com os interesses de outros seres menos privilegiados que ele (...)”⁷.

Existem razões que nos levam a relativizar o optimismo global. Sabemos que as possibilidades tecnológicas de aceder ao desenvolvimento são absolutamente desproporcionadas

⁶ Luís Archer, *Bioética*, Lisboa, Verbo, 1996, pp. 227,228.

⁷ Victoria Camps, *Paradoxos do Individualismo*, Lisboa, Relógio D Água, 1996, p. 72.

Embora se exalte a consistência da realidade planetária da globalização, a verdade é que persistem, pelo menos, duas velocidades discrepantes: a dos países com um desenvolvimento científico-tecnológico consistente e a dos países menos desenvolvidos. Ou seja, a globalização é somente para uma pequena fracção da população mundial. A outra corresponde, aos países mais carenciados, aos excluídos das rotas do progresso.

Diz-nos Norberto Bobio:

“ Apesar das antecipações iluminadas dos filósofos, das corajosas formulações dos juristas, do esforço dos políticos de boa vontade, o caminho a percorrer é ainda longo e (...) a história humana, embora velha de milénios, quando comparada às enormes tarefas que estão diante de nós, talvez tenha apenas começado”.⁸

Assim, a defesa da dignidade humana é, apesar de todas as vicissitudes, um desafio permanente que exige que sejamos os artífices uma vez que a humanidade do homem está desenvolvida num destino comum, por uma relação de compromisso e responsabilidade que, de uma forma autónoma e livre, pessoal e deliberada e conscientemente, cada um estabelece perante si próprio e perante os outros.

Apesar de o homem ser um “mundo” pessoal que se caracteriza pela singularidade, e irrepetibilidade e que se constitui em “si mesmo” em liberdade, auto decisão, e responsabilidade; o seu “mundo” não dispensa nunca a presença do outro porque aquilo que o homem é, é-o na sua coexistência com os outros. O elo e a relação com o outro é, com efeito, fundamental: cada ser humano define-se como sujeito ético enquanto se descobre como um ser que vive com os outros.

Na realidade, viver humanamente é vivermos sempre homens entre os homens, uns com os outros. Ou seja, viver humanamente é apostar numa solução de compromisso que se estabelece entre a exigência do respeito por si próprio e a exigência de respeito pelo outro.

⁸ Norberto Bobio, *A Era dos Direitos*, Rio de Janeiro ,Editora Campus, 1992, p. 46

Bibliografia

- Archer**, Luís, *Bioética*, Lisboa, Verbo, 1996, pp. 227,228
- Bobio**, Norberto, *A Era dos Direitos*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1992, p. 46
- Breton**, Pilippe, *L'utopie de la Communication. L' mythe du village planétaire*, Paris, La Découverte, 1995.
- Camps**, Victoria, *Paradoxos do Individualismo*, Lisboa, Relógio D Água, 1996, p. 72.
- Mattelart**, Armand, *A Mundialização da Comunicação*, Edições Piaget, Lisboa, 1999.
- Martins**, Moisés, “A Modernidade e a sua Assombração”, Oração de Sapiência nas Comemorações do XXVI da Aniversário da Universidade do Minho, 17 de Fevereiro de 2000, Braga.
- Martins**, Moisés” A Sociedade da Informação e o Sentido da Mudança”, in Actas do Iº Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999, p.126
- Morin**, Edgar, *L' esprit du Temps*, Paris, 1983.
- Popper**, Karl, *Em Busca de um Mundo Melhor*, Editorial Fragmentos, 1992.
- Virilio**, Paul, *Cibermundo: A Política do Pior*, Lisboa, Teorema, 2000, p.18.
- Wolton**, Dominique, *Penser la Communication*, Paris, Flammarion, 1997.
- Wolton**, Dominique, *Internet et Après? – Une Théorie Critique des Nouveaux Médias*, Paris Flammarion, 2000, p. 29.
- Touraine**, Alain, *Iguais e Diferentes – Podemos Viver Todos Juntos?*, Lisboa, Edições Piaget, , 1998.
- Touraine**, Alain, *Crítica da Modernidade*, Lisboa, Edições Piaget, 1994.
- Salmon**, Jean-Marc, *Um Mundo a grande Velocidade*, Lisboa, Ambar, 2002, p. 195. .
- Sfez**, Lucien, *Crítica da Comunicação*, Lisboa, Edições Piaget, 1994, p.23..